

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

# **G** BOLETIM GOIANO. *de* Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

---

VOL. 14 - N.º 1 - JAN./DEZ. 1994



# MODELO TEÓRICO DE PESQUISA INTEGRADA

*Horieste Gomes \**

## I. ESQUEMA PARA ELABORAÇÃO DE PESQUISA

I - Título do Projeto

II - Formulação do Problema

existência de um problema e necessidade de uma resposta técnico-científica com correspondência social.

III - Justificativa

razões determinantes e importância técnico-científica, econômica e social do projeto.

IV - Objetivo(s)

o que se pretende alcançar em termos de aprendizagem e utilidade social com a execução do projeto.

V - Metodologia

a) embasamento teórico (pesquisa fundamental e pesquisa de campo).

b) método(s) a ser(em) empregado(s) para se chegar ao resultado pretendido (técnicas, instrumentos, testes, análises, mensurações, analogias, diagnósticos, etc.).

c) especificar fases ou etapas de desenvolvimento do projeto (cronograma físico).

VI - Área do Projeto

a) estágio de desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social da área específica do projeto.

---

\* Professor do Depto. de Geografia/UFG

- b) área de concentração: situar o projeto dentro da espacialidade municipal, intermunicipal ou regional.
- c) definir linha(s) prioritária(s) na abordagem do projeto.

## VII - Despesas

- a) de capital;
- b) de custeio (cronograma de desenvolvimento financeiro dos recursos utilizados).

## VIII - Demonstrativo de Usos e Fontes (relatórios analíticos)

## IX - Referências Bibliográficas

## X - *Curriculum Vitae* dos Pesquisadores

## 2. PROJETO DE PESQUISA INTEGRADA

### I - Da Necessidade da Pesquisa Integrada

- debate epistemo-metodológico;
- perfil do pesquisador;
- objetivos da pesquisa.

### II - Dos Níveis de Integração

- dialético-totalidade (o fenômeno como um conjunto integrado de processos);
- análise das contradições e mudanças;
- contrários (unidade na adversidade);
- geográfico-sistêmico (geral, regional, aplicado).

### III - Da Metodologia (opções)

- dialético/dedutivo (da visão processual à visão do geral para o particular);
- dialético/indutivo (da visão processual à visão do particular para o geral).

#### IV - Dos Recursos

- humanos (pessoal científico,técnico e administrativo);
- serviços de terceiros;
- materiais (de uso e permanente);
- transporte, alimentação,etc.;
- financeiros (do orçamento do projeto, custos).

#### V - Da Execução do Projeto

- cronograma físico das atividades (ctapas);
- cronograma financeiro.

#### 2.1. Dos Objetivos

- . estabelecer a interação necessária dentro da Instituição (Departamento), principalmente entre os professores e suas respectivas áreas de atuação no campo da ciência geográfica e afíns;
- . possibilitar ao pesquisador uma melhor compreensão em termos de ciência e sociedade, via interdependência dos fenômenos geográficos naturais e culturais;
- . eliminar a dicotomia existente entre as duas naturezas física e humana no âmbito da espacialidade geral e regional;
- . contribuir para o treinamento prático de pesquisa de globalidade.

#### 2.2. Das Linhas de Pesquisas

- . priorizar linhas de pesquisas no âmbito da realidade atual, no marco da espacialidade local/regional.

#### 2.3. Da Materialização da Pesquisa

- . das atribuições do Departamento;
- . dos recursos humanos disponíveis;
- . dos recursos físicos (materiais);
- . dos recursos financeiros.

## 2.4. Canais de Captação de Recursos

### . CNPq

- bolsa de iniciação científica;
- bolsa para pesquisador visitante;
- bolsa de apoio técnico à pesquisa para o desenvolvimento científico regional;
- bolsas para cursos (aperfeiçoamento, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado);
- auxílio para projeto de pesquisa;
- auxílio para pesquisador visitante;
- auxílio para viagem.

### . FINEP - (Financiadora de Estudos e Projetos)

### . FNDCT - (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico-Tecnológico).

A financiadora é a FINEP.

### . FIPEC - (Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico/Científica).

### . CONCITEG - (Conselho de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás).

### . CAPES - (Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior-MEC).

## 2.5. Da Necessidade da Pesquisa Integrada

### - o debate epistemo-metodológico

O Departamento de Geografia carece, fundamentalmente, de vida acadêmica. Se, por um lado, o Departamento cresceu em termos de organização, gestão administrativa e desempenho acadêmico dos docentes – itens contidos no RADO (Relatório Anual do Docente); por outro lado, há uma quase total ausência da prática do debate universitário. Este debate deve envolver os grandes temas das correntes filosóficas do pensamento humano; da ciência, da ciência geográfica e afins; além de tudo que envolva as relações Sociedade – Natureza, Natureza – Sociedade, etc. Como exemplos, citamos:

### . A Filosofia como ciência da sociedade;

- . O papel da filosofia enquanto ciência e ideologia;
- . Filosofia e Geografia;
- . O papel da Filosofia do materialismo histórico no resgate da unidade geográfica (unidade via marxismo);
- . O dualismo Natureza - Sociedade, Sociedade - Natureza;
- . A interdependência Sociedade - Natureza (e vice-versa);
- . A questão da interdisciplinaridade (ciência geográfica e ciências afins). Idem, entre as disciplinas geográficas;
- . O papel da revolução científico-tecnológica na atualidade;
- . A necessidade de interação da pesquisa científico-tecnológica com a produção social;
- . Pesquisa fundamental (teórica) e aplicada;
- . O papel da sociedade na produção científica;
- . Sujeito e objeto da Geografia;
- . A práxis geográfica;
- . O compromisso social do pesquisador;
- . A questão do(s) método(s) em Geografia;
- . A fundamentação epistemológica da ciência geográfica, etc.

Somente por intermédio da vida acadêmica, tendo o debate teórico como o centro catalisador das contradições, das dúvidas, dos problemas, dos questionamentos e das buscas, é que o Departamento – sobretudo o seu corpo docente e, em certa dimensão, o corpo discente – conseguirá acompanhar o do desenvolvimento científico-tecnológico e social proposto pela RCT, no momento histórico que vivenciamos, além de atingir valores maiores de vivência comunitária.

É necessário que os seus membros correspondam, em termos de domínio da ciência teórica e aplicada, ao desenvolvimento civilizatório atingido pela sociedade a que pertencem. Isto significa possuir capacidade para entender a dinâmica do movimento econômico e social no seu estágio de evolução e de correspondência social.

É necessário compreender as aspirações maiores das classes sociais relativas às vivências presente e futura. Não podemos jamais nos esquecer de que é a sociedade, espacialmente localizada no marco de uma determinada paisagem, a produtora da temática de nosso discurso, de nossa pesquisa

e condicionadora de nossa práxis. É a sociedade, organizada em classes trabalhadoras progressistas, o agente (o sujeito) da transformação social.

O pesquisador, esteja ele vinculado às ciências naturais ou às sociais, jamais possui uma postura de neutralidade científica no desempenho do seu trabalho, mesmo que ele se posicione como neutro, apolítico, apartidário e descompromissado com a sociedade. Na verdade, qualquer que seja a sua produção ele a realiza em cima do que já foi produzido no passado, do que já está sendo produzido no presente, e do que se projeta como realidade futura.

Pela mesma razão, no corpo de sua produção há uma finalidade, uma busca existencial. É a sua dimensão subjetiva que, em última instância, contém a marca de sua consciência (individual e coletiva), consciência esta que contém o valor de sua identidade como ser individual e como ser coletivo.

As tarefas ou funções acadêmicas não podem ser burocratizadas, sob pena de o Departamento de Geografia perder a sua essência maior: ser um 'organismo vivo' em contínuo debate, produção e reprodução nova do saber científico-social.

Por meio do debate epistemo-metodológico, envolvendo as diferentes áreas do conhecimento filosófico, científico e social é que poderemos superar a dicotomia (infelizmente praticada) no nosso meio geográfico. A Geografia Humana e a Geografia Física continuam sendo tratadas como realidades independentes, compartimentadas e, por vezes, opositoras. O mesmo dualismo está presente também nas abordagens de cunho regional e geral, quer no âmbito da ciência geográfica, quer no âmbito das ciências afins.

É preciso levar em conta o princípio da unidade na adversidade dos fenômenos naturais e sociais, contidos na materialidade do planeta Terra. E principalmente para nós que lidamos com a biosfera, vista como realidade objetiva que se identifica como o próprio objeto *lato sensu* da ciência geográfica: natureza – sociedade e sociedade – natureza em interação mútua (interdependência). Afinal, somos e existimos como uma só natureza.

É imprescindível aprofundar o debate epistemo-metodológico, a fim de saber qual superestrutura teórica e metodológica resgata a unidade da ciência geográfica:

- . é pela via do materialismo histórico e científico?
- . é pela via funcionalista do positivismo lógico (neopositivismo)?
- . é pela via existencialista ou pela fenomenológica?

Tais indagações não esgotam outras possibilidades de debate.

## 2.6. Perfil do Pesquisador

O pesquisador em Geografia, como qualquer outro profissional que atua no campo das Ciências, está sujeito às leis, categorias, princípios e normas que regem o desenvolvimento da natureza, da sociedade e de si próprio.

Podemos identificá-lo a partir do grau de desenvolvimento civilizatório atingido pela sua consciência individual e social. A primeira revela as características inerentes a sua própria individualidade, no que concerne ao seu equilíbrio psicossomático, em termos de caráter, personalidade, sensibilidade, etc.

No desempenho do seu trabalho, suas condições individuais interligam-se ao grau de sua qualificação profissional. A segunda, isto é, a social (coletiva) em interação dialética com a consciência individual, plasma o indivíduo identificado com a sua sociedade e engajado em sua respectiva comunidade. Define, portanto, o caráter de sua personalidade.

Essas duas dimensões de consciência de cada indivíduo inter-reagem dialeticamente, de maneira que a individual faz crescer a coletiva ao repassar a ela, portanto, ao sujeito como ser social, os seus valores individuais; e vice-versa, de maneira que a coletiva transfere à individual os seus valores de vivência grupal, comunitária.

O pesquisador em Geografia deve entender que é a sociedade o sujeito de sua busca, de sua procura, porquanto é ela que lhe fornece o tema de sua pesquisa.

Toda temática com que trabalha é gerada pela sociedade (com as suas classes diferenciadas) como sujeito histórico e, em cada momento

histórico, as contradições revelam a realidade como verdadeira e necessária para determinada(s) classe(s), contrapondo-se aos interesses e às aspirações maiores das outras classes sociais.

Faz-se necessária a concreta contribuição para o reconhecimento e valorização de sua profissão, buscando a superação das atuais condições econômicas e sociais que perderam necessidade histórica.

O importante é que seja um profissional dotado de informações, possuidor de uma sólida formação epistemo-metodológica, a fim de poder atuar com segurança e credibilidade nas áreas técnicas de planejamento, de consultoria, de assessoria, etc. Deve ser, acima de tudo, um profissional dotado de postura crítica, a cada momento em que se fizer necessário o desempenho do seu trabalho. Deve exercer a crítica que conduz à autocrítica, traduzida em superação pelo sujeito daquilo que já perdeu o valor científico e social, inclusive a sua própria postura de analista da natureza e sociedade.

É a conduta crítica do profissional (no nosso caso, o pesquisador em Geografia) que o conduz ao salto qualitativo, vital à compreensão do desenvolvimento contínuo da sociedade – natureza como processo ininterrupto da criação – produção e reprodução – do novo, ou seja, da nova realidade que almeja conquistar, por ser dotada de novos e superiores valores existenciais.

Evidentemente, este salto qualitativo em si mesmo contribui para que seja um profissional mais competente, com visão mais globalizante e com superior capacidade crítica.

## 2.7. Reflexões

- . Temos o necessário domínio da conexão homem – natureza, natureza – homem no universo da ciência geográfica para o correto desempenho de nosso exercício profissional (professor e pesquisador)?
- . Temos o domínio do conteúdo geral, na área em que atuamos?
- . E do conteúdo específico da disciplina que ministramos?
- . E do conteúdo de temas universais de aporte filosófico, sociológico, antropológico, fundamentais ao nosso desempenho profissional?

- . Refletimos em cada situação concreta sobre o conteúdo que ministramos ou pesquisamos, em seus valores científico e social?
- . Temos praticado a autocritica no sentido de superarmos os nossos erros, as nossas limitações?
- . Qual tem sido a nossa reflexão para que o nosso trabalho no ensino e pesquisa tenha a correspondência necessária com a sociedade a que pertencemos?
- . E quanto à transmissão do conhecimento já produzido ou em processo de produção (valores científico e social)?
- . Ou temos apenas praticado a crítica pela crítica e caído no criticismo vulgar?
- . Temos procurado nos engajar em trabalhos em equipes interdisciplinares?
- . O que dizer sobre a nossa capacidade de selecionar o conteúdo fundamental do complementar ou acessório no nosso trabalho de ensino e pesquisa?
- . E sobre a nossa capacidade de estabelecer uma postura crítica superior sobre o já produzido ou em processo de produção?
- . E sobre a nossa preocupação no que concerne à atualização contínua da literatura geográfica e afins?
- . E sobre a nossa postura como indivíduo e cidadão de entendimento e participação em torno das questões políticas, econômicas, sociais e culturais que afligem as classes trabalhadoras de nossa sociedade?
- . E sobre a nossa participação efetiva, como categoria que somos, nas nossas entidades representativas (AGB, ADUF e outras)?
- . E sobre nossa sensibilidade de sentir o Departamento no conjunto de suas atribuições?
- . Temos refletido se o Departamento de Geografia está correspondendo à altura do desenvolvimento filosófico, técnico-científico e social experimentado pela humanidade?
- . A qualidade das relações entre os colegas pode ser considerada satisfatória?

Inúmeras outras questões poderão tornar-se objeto de reflexão.

## 2.8. Relação Homem-Natureza (princípios reguladores, éticos e normativos)

– Princípio da Resistência Ativa do Objeto ao Sujeito

- . verificar se há, na área submetida à pesquisa, condições naturais impeditivas, parciais ou efetivas que oponham resistência(s) às influências reguladoras e transformadoras do homem.
- . levar em conta que o meio natural funciona cada vez mais como um subsistema dirigido pelo homem.

Vivemos uma etapa da chamada Revolução Científico-Tecnológica (RCT), em que há uma contínua perda do autodirecionamento natural e um aumento da responsabilidade do homem ante a natureza.

– Princípio da Minimização dos Efeitos Negativos

- . há que se procurar minimizar ao máximo os efeitos negativos da atividade do homem (antrópica) sobre a natureza.  
É necessário reavaliar e reestruturar as práticas produtivas e os comportamentos sociais.

– Princípio da Compatibilidade Biosférica do Desenvolvimento Tecnológico

- . trata-se do compromisso ético-produtivo entre a técnica e a natureza, em que os processos integracionistas se opõem progressivamente aos reducionistas.

Na proporção em que se aumenta a integração científica, mais a relação homem-natureza, natureza-homem vai se tornando interdependente e a correspondência necessária (interação mútua) vai se ampliando.

– Princípio da Estabilidade Prolongada (influência sobre a biosfera)

- . trata-se do aperfeiçoamento e direcionamento da função transformadora com a função prognoscitiva da ciência e da técnica.  
É fundamental buscar o ecodesenvolvimento a fim de que haja a correspondência de transformação do meio ambiente para o interesse do homem e da própria sociedade.

– Princípio de Unidade da Atividade Produtiva e Compensatória

- . trata-se da correspondência possível entre a atividade produtiva e a sua correspondente compensação, em termos de qualidade de vida da natureza.

Na prática da atividade produtiva, espera-se que haja um máximo efeito econômico, mas também o melhor efeito ecológico-econômico. O mecanismo da produção material deve estar em íntima consonância com a sociedade e com a natureza em termos de qualidade de vida.

– Princípio da Regeneração

- trata-se da compensação do consumo ou utilização da natureza. Há que se desenvolver a produção deste ou daquele RN, ou mesmo a transformação de qualquer sistema natural sempre acompanhada de medidas que preservem a identidade do meio ambiente.

## 2.9. Integrações (exemplos)

- Teoria e Método com suporte de apoio teórico (filosófico, científico, metodológico), fundamental a todas as disciplinas envolvidas no projeto.
- Formação Econômica+Fundamentos de Sociologia (Economia Política)-fundamentais à compreensão do modo de produção capitalista e da composição das classes, categorias e segmentos sociais no âmbito da nossa sociedade e respectivas comunidades.
- Geo-História de Goiás - como fundamentação genérica da nossa formação histórico-geográfica, indispensável a todos os pesquisadores envolvidos no projeto, especificamente na área ou na região submetida à pesquisa.
- Meio Geográfico (físico/humano) - a interação permite o entendimento do espaço geográfico submetido aos impactos ambientais, na área ou na região sob pesquisa.
- Geologia Geral+Geomorfologia+Hidrografia - interações que permitem a compreensão mais científica do chamado aproveitamento múltiplo das drenagens para fins de atividade agrária, aproveitamento agroindustrial, utilização de fundo de vale, atividades turísticas, piscicultura, energia, transporte, etc., na área ou na região do planejamento.
- Geologia+Geomorfologia Climática+Biogeografia - para o conhecimento dos fundamentos da Pedologia e Edafologia, fundamentais à compreensão das atividades agroindustriais na área ou região sob pesquisa.

- . Geologia+ Geomorfologia Climática+Biogeografia - permitem-nos o entendimento do(s) processo(s) de meteorização química e mecânica das rochas e definem os valores dos solos agricultáveis (interação com a Geografia Agrária).
- . Biogeografia+Climatologia+Geografia Agrária - permitem-nos o entendimento do meio bioclimático na área ou região submetida à pesquisa.
- . Iniciação ao Estudo da Natureza + Biogeografia - fornecem-nos as noções fundamentais de Geoecologia. Com a interação da Biogeografia com a Climatologia, teremos a Geoecologia Humana e passamos ao conhecimento das formas de adaptação dos seres vivos na área ou região sob pesquisa.
- . Geografia Humana (Geografia da População) + Geografia Urbana e Rural - definem as características demográficas do espaço urbano/rural sob pesquisa (ocupação do meio e produção do espaço geográfico).
- . Geografia do Brasil (física/humana interdependentes) - leva-nos ao conhecimento da interação sociedade-natureza e vice-versa (área sob pesquisa).
- . Formação Econômica do Brasil + Geografia do Brasil (física/humana)+Geografia Regional+Geografia de Goiás - informam-nos a respeito do planejamento regional (a pesquisa e sua vinculação com a área ou região).
- . Teoria Geográfica+Prática Comunitária - responsáveis pela formação da consciência social do profissional (professor ou pesquisador). Os valores éticos, culturais, sociais e as lutas político-econômicas dos trabalhadores são fundamentais a nossa formação profissional.
- . Cartografia Geral (de base) +Cartografia Temática+Sensoriamento Remoto+Semiologia Gráfica - atendem a todas as disciplinas geográficas (físicas e humanas) no sentido da representação cartográfica dos fenômenos, na área ou na região submetida à pesquisa.

Outras interligações inevitavelmente surgirão durante a pesquisa.

## 2.10. Temas de Pesquisas Hipotéticos (exemplos)

- . Pesquisa Epistemo-Metodológica - a ser realizada pelos professores do Departamento de Geografia ao ministrar suas disciplinas: níveis de

abordagens epistemo-metodológicas; níveis de interação sociedade – natureza, natureza – sociedade, níveis de interação(ões) de disciplinas específicas e afins (interdisciplinaridade); nível de visão de totalidade (mediações e globalidade); níveis de leitura bibliográfica; etc.

- . Ocupação do Vale do Meia Ponte - a degradação ambiental em decorrência do uso do solo. Área de concentração:perímetro do município de Goiânia.
- . A Marginalização do Camponês Migrante - estudo da população favelada. Trabalho, espaço habitacional, condições de alimentação, saúde, escolaridade, etc. Área de concentração:perímetro de Goiânia.
- . Estudo da População Migrante em Goiânia - a marginalização do migrante camponês, advinda do êxodo rural. Mercado de trabalho, implicações econômicas e psicossociais. Área de concentração: a construção civil em Goiânia.
- . As Relações Homem–Natureza, Natureza–Homem - estudo dos níveis de interações dialéticas dos componentes naturais e sociais do espaço geográfico (papel das mediações). Área de concentração: o bairro Palmito (ou outro), como modelo de ocupação.
- . Crescimento Vertical do Setor Bueno - estudo dos impactos de ordem natural e social, em decorrência do crescimento vertical imposto pela especulação imobiliária.

## 2.11. Da Aplicabilidade da Metodologia Dialética à Ciência Geográfica

É necessário que os pesquisadores envolvidos no Projeto da Pesquisa Integrada pautem-se pelos seguintes encaminhamentos:

- . considerem a existência de uma 'única natureza' em termos de realidade objetiva do mundo, da natureza e da sociedade. Portanto, o mundo e, especificamente, o planeta Terra são sistêmicos. Isto quer dizer que os denominados fenômenos geográficos fazem parte da estrutura de um todo.
- . trabalhem sempre com a interdependência dos fenômenos na relação homem–natureza, natureza–homem (interação mútua).

considerem o homem como um ser agente, ativo, transformador, produtor e reproduzidor do espaço geográfico (objeto de nosso estudo). Pelo seu trabalho de cunho econômico-produtivo, o homem – de acordo com o seu estágio de desenvolvimento cultural (filosófico, técnico, científico e social); de acordo com a sua postura ética; de acordo com o seu nível de cidadania – vai imprimindo na paisagem geográfica o fâcies do seu grau de civilização. Assistimos, nos dias do presente, a uma constante socialização<sup>1</sup> da natureza, simultaneamente a uma contínua naturalização da sociedade. Ao mesmo tempo em que o homem transfere à natureza a marca do seu desenvolvimento, a natureza incorpora ao homem os seus valores naturais (econômicos e sociais, portanto, existenciais).

considerem sempre a realidade concreta (objetiva) em movimento de continuidade e descontinuidade. O movimento ininterrupto dos fenômenos materiais (N e S) conduz, via mediações, à descontinuidade (interrupção da continuidade) que revela o novo estágio de desenvolvimento conquistado pelas classes progressistas da sociedade (processo histórico).

A continuidade é decorrente do movimento gradativo, gradual e regular, podemos assim dizer. O processo é acumulativo em que as mudanças nos elementos do espaço vão sofrendo alterações quantitativas, para mais ou para menos, resultantes das mudanças graduais. Já a descontinuidade é resultante do acúmulo, isto é, da maturação das mudanças quantitativas, as quais chegam a um determinado nível de contradições com o que existe como verdadeiro e rompem a continuidade do movimento da matéria (natural e social), produzindo o salto qualitativo. Surge então uma nova realidade que é aceita como mais real, portanto mais verdadeira e necessária.

Entendam que:

o espaço geográfico é, por natureza, social, sendo objeto enquanto movimento/desenvolvimento.

---

1 Trata-se da "socialização capitalista da natureza", consumo não eqüitativo dos bens naturais.

- o emprego da dialética na pesquisa geográfica é fundamental para que possam ter a visão do 'todo'. É a totalidade que expressa a maior dimensão da verdade, inserida na realidade objetiva do universo da natureza, da sociedade e do próprio indivíduo em si.
  - o método dialético tem na contradição o motor do desenvolvimento. O movimento contraditório quantitativo conduz ao desenvolvimento qualitativo. Na contradição está a essência das variadas formas de movimentos: mecânico, molecular, biológico, sideral, quântico, social, etc.
  - para que possamos atingir a uma determinada totalidade, faz-se necessário conhecer as mediações, via categorias analíticas da dialética; mediações estas existentes no processo do movimento e desenvolvimento do mundo material (natureza e sociedade). É por intermédio das mediações, que podemos captar as interações interdependentes que nos conduzirão às determinações existentes na totalidade que buscamos conhecer.
  - o homem como ser histórico (homem de classes, geral, particular, universal, social) é que faz do espaço geográfico um espaço social; espaço/objeto da ciência geográfica enquanto movimento/desenvolvimento, processo, totalidade, etc.
  - jamais podem considerar a natureza um apêndice, um complemento da sociedade e vice-versa, como entendiam os antigos geógrafos naturalistas. O resgate da 'natureza única' lhes possibilitará compreender a dimensão de totalidade do espaço geográfico. Isto significará o resgate da própria identidade da Geografia como ciência social. E, mais ainda, esta sua singularidade é que destaca a especificidade da Geografia no rol das demais ciências.
- compete à categoria resgatar a dimensão social do fato geográfico em cada estudo, pesquisa ou transmissão, visto que o espaço geográfico é social. Isto corresponde revelar, da maneira mais transparente possível, à sociedade que ciência tem existência real quando conseguimos demonstrar a sua cientificidade social, traduzida em identidade com as aspirações, com os anseios e necessidades (materiais e espirituais) da sociedade. Em termos geográficos, corresponde à organização humanizada do espaço traduzida em valores existenciais superiores para o ser humano.

- a lógica é a antítese da lógica formal (linear, relação causa-efeito, não contraditória). E que a lógica formal permite-nos conhecer a realidade objetiva (natureza e sociedade) por meio de nossa estrutura sensorial e do senso comum de aprendizagem das coisas. Temos em conta que a lógica formal reflete apenas um momento da aparência da lógica dialética. Esta, por meio da abstração e generalização, seleciona e aglutina o primário ao secundário, possibilitando o conhecimento da essência dos fenômenos.
- os momentos do espaço geográfico expressam o movimento dialético da matéria social e natural e suas determinações específicas na relação tempo e lugar – unidade e conexão do próprio real.
- os espaços geográficos, submetidos ao modo de produção (o Capitalismo), impõem relações sociais de trabalho e de produção capitalistas, que se perpetuam por novas divisões internacionais (NsDIT) do trabalho, via desenvolvimento desigual do Capitalismo sob a taxa de uso decrescente do capital. Pela mesma razão, por intermédio da tecnologia de ponta e da especulação financeira, o capital financeiro tem conseguido manter a capitalização progressiva.
- a dialética da natureza (natural e social) é da própria essência do espaço geográfico.
- dialeticamente o espaço geográfico no Capitalismo possui um conteúdo diferenciado, contraditório, coisificado, heterogêneo, descontínuo, razão pela qual não se pode falar em espaço geográfico homogêneo, delimitado, espacializado.
- o mundo em que vivemos, portanto, é dialético em sua objetividade concreta. Isto que dizer que a dialética não é coisa imposta pela cabeça do homem, muito pelo contrário, é da própria materialidade do mundo ser dialético (movimento/desenvolvimento contraditório, contínuo e descontínuo que se reproduz infinitamente).
- o ideal, isto é, a idéia que temos dos fenômenos, objetos, fatos, não é senão o material (realidade objetiva do mundo da natureza, da sociedade e do indivíduo) transplantado e traduzido na cabeça do homem.
- a captação da realidade objetiva pelo sujeito é resultante da unidade dialética do subjetivo/objetivo e vice-versa. Portanto, passamos a ter consciência das coisas (conhecimento), por intermédio da estrutura

sensorial (órgãos dos sentidos) que inter-reagem com a realidade objetiva (objeto), que é conduzida pelo sistema nervoso até a estrutura cerebral (de ordem material) e transformada e refletida em forma de imagem ideal ou espiritual. A consciência, isto é, o conhecimento que temos dos fenômenos, objetos e fatos, é o reflexo subjetivo da realidade objetiva.

a dialética do subjetivo/objetivo, objetivo/subjetivo é de fundamental importância ao conhecimento do espaço geográfico. A dialética objetiva se constitui no movimento, na transformação e no desenvolvimento da realidade existente fora e independente da consciência. A dialética subjetiva se constitui no reflexo da dialética objetiva, por conseguinte reflete o real na consciência e no pensamento do homem.

há unidade dialética no objetivo/subjetivo. "O pensamento (subjetivo) faz parte do real (objetivo) enquanto indissolúvelmente ligado a uma prática social material onde mergulha as suas raízes" (José Barata Moura).

o fundamento da dialética materialista é a própria materialidade do mundo, da natureza, da sociedade e do indivíduo em contínuo movimento. Fundamenta-se na compreensão do materialismo dialético e histórico. Este corresponde à dialética aplicada à sociedade. Assume também – inerente a sua essência – uma postura crítica e revolucionária (transformadora).

a dialética, como processo real, corresponde à determinação intrínseca e objetiva da marcha do real na forma dialética, isto é, interação dos fenômenos que estruturam a unidade da natureza com a História (unidade na adversidade).

a dialética, como processo de compreensão, toma como ponto de partida a própria compreensão em sua concretude, a partir da qual o conhecimento, o entendimento e o saber vão se determinando, se organizando e se constituindo.

a dialética, como processo de atuação, fundamenta-se na unidade da teoria com a prática e tem como metodologia o método dialético, o que significa dizer que todos os fenômenos naturais e sociais estão interligados e submetidos ao movimento contraditório da matéria (natural e social).

## 2.12. Dialética e Totalidade.

A totalidade tem uma aplicação não apenas gnosiológica e epistemológica, mas também de ordem ontológica e real, para além da prática. Ela ocupa o centro de toda problemática da dialética, pois é com ela e por ela que traduzimos a unidade e conexão do próprio real.

A unidade totalizante não é uma unidade abstrata, transcendental e imanente (coincidência de Deus e natureza, segundo Spinoza), mas sim o reflexo do real na sua concretude. O fundamento verdadeiro para a totalidade e suas demarcações é o processo histórico, no seu conjunto de movimento e desenvolvimento.

A totalidade encontra-se intimamente ligada ao concreto, sendo que o todo do real não é uniforme, nem homogêneo. No seu interior encontramos a diferença, a multiplicidade, etc. O real não permanece no horizonte da imutabilidade, pois não basta pensar o real como totalidade; o indispensável é detectar a contradição, em vista de ser o real uma totalidade contraditória.

## 2.13. Dialética e Contradição

A contradição interna tem como princípio estrutural o movimento natural e social da matéria, compreendendo o movimento e a mudança, bem como a contradição enquanto processo histórico total e real.

Há necessidade de compreender o momento da permanência relativa detectada e o nexos existente no sistema de contradições em devir (tarefa fundamental da teoria).

A estrutura dialética da contradição revela-se na unidade e luta dos contrários; o movimento dos contrários no decorrer de sua luta contraditória é estruturalmente indissociável da unidade que o constitui. A luta é o modo de ser da unidade dos contrários e é necessário definir qual é a parte desta unidade em luta que conduz à contradição.

Em cada contradição há um pólo determinante que a conduz, no final do processo, à sua própria superação.

A condição de ser contradição dialética é o seu fundamento objetivo. Isto equivale a dizer que na sua essência está contida 'a unidade na adversidade' dos fenômenos.

As contradições fazem parte de diferentes totalidades. É no quadro dessas totalidades que, dialeticamente, elas têm de ser integradas, analisadas e entendidas. A superação de uma contradição corresponde a uma efetiva transformação do processo real, isto é, da realidade que perde necessidade histórica, deixando, portanto, de ser verdadeira e necessária.

Há contradição principal e contradições derivadas, sendo que a primeira é que comanda a orientação principal do movimento que tende a ser desenvolvimento. Na contradição dialética os dois enunciados contraditórios, que a compõem, são ambos verdadeiros e condicionados mutuamente, interpenetram-se e atuam um sobre o outro.

A unidade (coincidência, identidade, equivalência) dos contrários é condicional, temporária, transitória e relativa.

A luta entre contrários é absoluta, como absolutos são o movimento e o desenvolvimento. Estes são contínuos/descontínuos e, em determinado estágio de evolução, atingem uma determinada maturidade absoluta.

No quadro das contradições devem-se destacar as antagônicas das não antagônicas. As primeiras expressam posições de classes inconciliáveis. Nelas, a unidade dos contrários constitui-se sempre como condição (ordem) de subordinação ou de dominação. São duas classes que polarizam a almejada dualidade de objetivos.

## LITERATURA GEOGRÁFICA (geral)

CHEPTULIN, A. *A dialética materialista*. São Paulo: 1982.

CURY, C. R. *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez: 1983.

DEMO, P. *A metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.

DUARTE, R. A. P. *Marx e a natureza em "O Capital"*. São Paulo: Loyola, 1986.

FONTES, R. M. *Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989.

GOMES, H. *Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1991.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARVEY, D. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: 1980.

KONSTANTINOV, F. V. *Fundamentos da filosofia marxista-leninista (tradução)*. Portugal: Novo Curso-Venda Nova, 1977.

LACOSTE, Y. *A Geografia serve antes de tudo para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1989.

LEFEVRE, H. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LENYRA, A. S. *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991.

LIPIETZ, A. *"O Capital" e seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.

MARX, K. *"O Capital": o processo de produção d' "O Capital"*. São Paulo: Difel, 1984. L. 1, v. 1.

MOREIRA, R. *O discurso do avesso*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

MOURA, J. B. *Totalidade e contradição acerca da dialética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977

SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec. 1978.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. Lisboa: Vega, 1979.

QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *A construção da Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RUIZ, R. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1978.

O ESPAÇO em questão. São Paulo: Marco Zero, 1988. (Terra Livre, 5).

VAZQUES, A. S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, P. A. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WESOLOWSKI, W. *Classes, estratos e poder*. Portugal: Novo Curso Editores Venda Nova-Amadora, 1977.

